

PODCAST DO CORREIO

# UM BATE-PAPO SOBRE OSCAR E CINEMA

» LETÍCIA GUEDES

Um dia após a conquista memorável de *Ainda Estou Aqui* na categoria de melhor filme internacional no Oscar, o Podcast do Correio recebeu Emília Silberstein, cineasta e professora de Audiovisual da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC). As jornalistas Adriana Bernardes e Ana Maria Campos, ela analisou aspectos da obra e falou sobre o cenário audiovisual no Distrito Federal.

**O que representa o Oscar para o cinema brasileiro? Qual perspectiva o prêmio abre para o cinema nacional?**

Eu acho que, mesmo se a gente não tivesse levado a estatueta, a campanha do filme teve repercussões interessantes, fora e dentro do Brasil. Ao redor do mundo, nosso cinema está sendo muito bem representado e reconhecido por pessoas que talvez não o assistissem. Na temporada de prêmios, o *Ainda Estou Aqui* foi tendo uma escalada grande, o filme teve uma expansão de sua visibilidade. A obra vem lotando as salas de cinema e esse um movimento fundamental, porque ainda há, no Brasil, um problema estrutural de salas de cinema, que exibem principalmente filmes estrangeiros. Bom, o prêmio em si, vem para coroar todo o processo. **Como viu a premiação de Anora?**

**PROFESSORA DA FAC-UNB, A CINEASTA EMÍLIA SILBERSTEIN FALOU, NO PODCAST DO CORREIO, SOBRE A CONQUISTA INÉDITA DE 'AINDA ESTOU AQUI'**

Guilherme Felix CB/DA Press



Emília Silberstein foi a entrevistada no último episódio do Podcast do Correio

Eu assisti ao filme. Achei alguns aspectos interessantes, mas há outros que, para mim, foram ambíguos. Vi há pouco, e a sensação é de que tenho que ruminar mais para ter uma ideia clara do que achei. Mas há aspectos que curto bastante. O diretor (Sean Baker) é um cara que propõe experimentações e tem uma linguagem de se aventurar dentro das ferramentas do audiovisual. Isso está presente no *Anora*. Penso que tem personagens que são cativantes, mas fiquei resabiada com a representação da personagem da Mikey Madison, porque me dá uma sensação de estar numa linha muito tênue de pisar num espaço estranho de objetificação do corpo da mulher, que também é algo problemático dentro da temática audiovisual, historicamente falando. Para mim, é um filme com ambiguidades. Porém, apesar de ter sido um gosto agridoce, porque eu estava torcendo para Fernanda Torres, não saí com a mesma sensação que tive com Gwyneth Paltrow em relação à Fernanda Montenegro, em 1999. Na minha avaliação, Paltrow entregou uma atuação muito "ok",

e acho que a Mikey Madison está bem. Eu não esperava que fosse ela, apesar de ter ganhado o BAFTA recentemente, pensava que, se não fosse Fernanda, seria a Demi Moore.

**Como acha que esse filme pode impactar na luta para que as atrocidades cometidas na ditadura militar não sejam esquecidas e as ocorridas recentemente não sejam banalizadas?**

Acho que existe a potência de trazer para o debate público e resgatar determinadas reflexões que estavam subterrâneas, sinto que tem se falado bastante, pelo menos em setores específicos, sobre a ditadura. Acho que o cinema, por ser uma linguagem de massa e conseguir trazer as pessoas para a sala, deu uma movimentada interessante, em termos de debate público. Dá uma sensação de uma câmara de eco, porque traz o debate na arte e em outras esferas, por exemplo, o Supremo Tribunal Federal (STF), que talvez resgate as discussões da lei de anistia. Penso que é como se fosse um polvo, são

vários tentáculos que estão fomentando o debate. Não é que o filme provoque isso, mas ele atua junto.

**O diretor opta por não mostrar as cenas de tortura abertamente e leva mais para o lado psicológico. Como avalia isso?**

Acho que há um pouco da estratégia da contenção. Vi pessoas fazendo críticas em relação de não ter mostrado com brutalidade, de não ter exposto a ditadura no lugar das sessões de tortura, mas, na minha opinião, acho que essa estratégia trabalha na linearidade, num mais sutil, para quando algo escapar de repente, parecer muito mais gritante. Eu não fiquei com a impressão de que não mostrou, só acho que mostrou de um jeito diferente.

**Como foi a experiência de atuar em filmes no cenário do Centro-Oeste? Quais são os principais desafios no DF?**

Acho que é um mercado com muitos desafios. A gente fala dessa relação de poder, do mercado estadunidense e latino-americano, mas também há diferenças

nacionalmente. O mercado do Centro-Oeste é diferente do do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Recife. A gente ainda tem escalas de trabalho muito longas; a diária base do cinema no Brasil é de 12h... é uma trabalhadora extenuante, mas quando a gente participa de um produto, com que a gente se identifica, é uma trabalhadora muito gostosa que gera gratificação.

Sobre os principais desafios do DF, a gente teve um processo de desmonte forte, tanto em escala nacional quanto local. Dentro do contexto da capital, o Fundo de Apoio à Cultura (FAC) tem movimentado bastante a economia criativa nos últimos anos, mas, desde 2019, tem tido grandes fragilidades no FAC. Há anos, o edital de audiovisual não sai, por exemplo. A gente precisa de outras fontes de apoio, mas os editais são essenciais. Precisamos de políticas públicas robustas de cultura, principalmente nos mercados fora do eixo Rio-São Paulo. E há essa questão da escala de trabalho, porque a gente faz 12h, numa escala 6x1.



**"Apesar de ter sido um gosto agridoce, porque eu estava torcendo para Fernanda Torres, não saí com a mesma sensação que tive com Gwyneth Paltrow em relação à Fernanda Montenegro, em 1999"**



**20 e 21 de abril 2025**  
Esplanada dos Ministérios  
Em frente ao Museu Nacional

Desafie seus limites  
na **Maratona Brasília 2025!**



**INSCRIÇÕES ABERTAS!**  
[brasilcorrida.com.br](http://brasilcorrida.com.br)

PROMOÇÃO:

APOIO:

